

**GRAÇAS do
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e receberéis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.



Índice :

Mensagem do Santo Padre pág. 3

Aviso: Novo número de telefone pág. 5

A certeza de saber que Deus nos ama..... pág. 6

Quem era o Padre Cruz pág. 9

Aviso: Morada para correspondência pág. 24

Deram Esmola e agradecem Graças..... pág. 25

Campanha de Missas pág. 32



*MENSAGEM DO SANTO PADRE FRANCISCO
PARA O DIA MUNDIAL DA PAZ
1 DE JANEIRO DE 2014*

Nesta minha primeira Mensagem para o Dia Mundial da Paz, desejo formular a todos, indivíduos e povos, votos de uma vida repleta de alegria e esperança. Com efeito, no coração de cada homem e mulher, habita o anseio de uma vida plena que contém uma aspiração irreprimível de fraternidade, impelindo a



comunhão com os outros, em quem não encontramos inimigos ou concorrentes, mas irmãos que devemos acolher e abraçar. (...)

Há necessidade que a fraternidade seja descoberta, amada, experimentada, anunciada e testemunhada; mas só o amor dado por Deus é que nos permite acolher e viver plenamente a fraternidade. (...)

Nós, cristãos, acreditamos que, na Igreja, somos membros uns dos outros e todos mutuamente necessários, porque a cada um de nós foi dada uma graça, segundo a medida do dom de Cristo, para utilidade comum. (...) “Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros; que vos ameis uns aos outros assim como Eu vos amei. Por isto é que todos conhecerão que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13, 34-35). Esta é a boa nova que requer, de cada um, um passo mais, um exercício peregrino de empatia, de escuta do sofrimento e da esperança do outro, mesmo do que está mais distante de mim, encaminhando-se pela estrada exigente daquele amor que sabe doar-se e gastar-se gratuitamente pelo bem de cada irmão e irmã.

Cristo abraça todo o ser humano e deseja que ninguém se perca. “Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele” (Jo 3,17). Fá-lo sem oprimir, sem forçar ninguém a abrir-lhe as portas do coração e da mente. “O que for maior entre vós seja como o menor, e aquele que mandar, como aquele que serve - diz Jesus Cristo -. Eu estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22, 26-27). Deste modo, cada atividade deve ser caracterizada por uma atitude de serviço às pessoas, incluindo as mais distantes e desconhecidas. O serviço é a alma da fraternidade que edifica a paz.

Que Maria, a Mãe de Jesus, nos ajude a compreender e a viver todos os dias a fraternidade que jorra do coração do seu Filho, para levar a paz a todo o homem que vive nesta nossa amada terra.



Informamos que a
Causa de Canonização do
Padre Cruz tem
novo número de telefone:
218 860 921

*A certeza de
saber que
Deus nos ama*



O Evangelho fala que Jesus foi batizado no Rio Jordão por João Batista, que realizava esse batismo de conversão e de purificação dos pecados. Jesus não tinha pecado, mas assumiu sobre si o meu e o seu pecado, e quando Ele entra nas águas do Jordão, as águas lavam esses pecados. Nesse dia bendito, já se antecipa sobre a vida de Jesus aquele mistério maravilhoso que Ele vai fazer realizar na cruz. Cristo assumiu sobre Si os nossos pecados e os lavou, por isso Ele diz a João que é necessário que se cumpra toda a justiça.

O Papa Francisco, em suas recentes catequeses, pediu que nos lembrássemos sempre da data do nosso batismo, porque isso não pode ficar longe dos nossos olhos. No nosso batismo, somos inseridos na salvação de Jesus, como filhos de Deus. Deixamos de ser quem éramos para ser aquilo que é a vontade de Deus.

Existe uma realidade própria entre o nosso batismo e o de Jesus. Cristo precisava de dar início ao Seu ministério, de algo que Lhe desse a força necessária para começar a missão d'Ele. Ele precisava de ter a certeza de que o Pai O amava. Não que Ele precisasse saber disso por carência, mas para dar força à sua missão.

A certeza de saber que Deus nos ama tem de ser a força que move toda a nossa vida. Depois que Jesus ouviu: “Esse é meu Filho muito amado”, Ele assumiu a Sua missão. Muito mais que os nossos corações dados a Deus, o Senhor dá-nos o coração d'Ele, aquele amor de Pai ao Filho ungiu o Senhor Jesus.

Jesus tornou-se o protótipo do homem livre para amar. E por isso foi capaz de amar até ao fim, até à cruz, sem ficar mendigando amor, sem ficar racionando a Sua entrega. Jesus foi capaz de ir mais longe, não colocava limites para amar.

Quem experimenta um grande amor, fica dependente dele, por isso, Jesus tornou-se, no amor, profundamente dependente do Pai. Cristo tinha a certeza de que o Pai estava com Ele, e isso fez toda a diferença. Quando nós temos a certeza de que somos amados por Deus Pai, temos tudo o que precisamos, nada nos pode impedir de realizar a vontade d'Ele. O mundo quer mostrar-nos o contrário, o mundo não quer que nós acreditemos nisso. Dentro de nós temos um “buraco”, um vazio, que é preenchido somente por Deus, no entanto, procuramos preencher esse vazio com as coisas do mundo, muitas vezes até buscamos fazer isso com coisas boas, como no namoro, casamento, entre outras coisas; mas também com outras coisas más, como drogas, bebidas, desordens e outras coisas mais.

O mundo tem-nos ensinado que devemos ser livres, mas essa é uma liberdade que nos escraviza, que propõe fazermos o que quisermos. O amor de Deus faz-nos livres para podermos decidir por Ele. Só quem se reconhece dependente de Deus é verdadeiramente livre para amar. Se não for assim, vamos nos tornando dependentes de tantas outras coisas que o mundo nos oferece. E quantos casos de dependências por aí! Pessoas que, por “burrice”, escolheram depender de outras coisas e não de Deus.



Também há aqueles dependentes afetivos que são enjoados e grudentos. Aqueles que, em poucos minutos de conversa, já os consideramos o melhor amigo e a todo instante os procuramos para preenchermos o vazio do nosso interior. Podemos ser dependentes afetivos de um amigo ou até mesmo dos nossos pais. Não importa, por melhor que sejam, eles nunca serão capazes de nos amar o quanto precisamos; só Deus pode fazer isso.

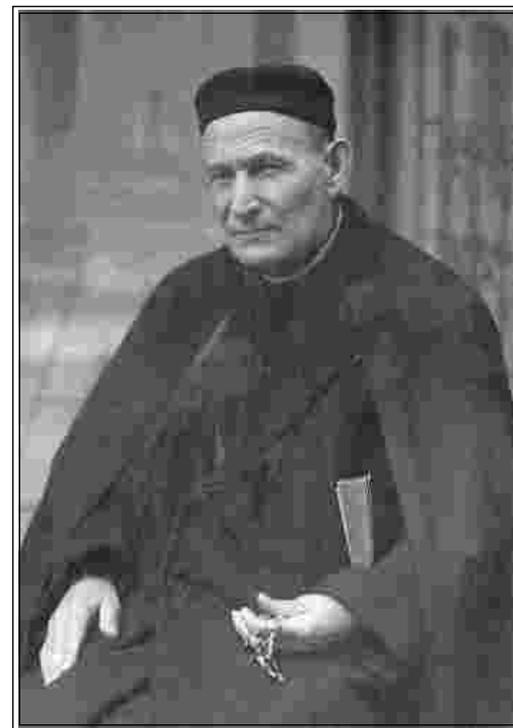
Existe também o dependente afetivo do namorado(a). Ter uma pessoa ao lado é bom, mas existe um limite, não se pode transformar a pessoa num ídolo. É aí que entra a maioria dos relacionamentos que não dão certo, as pessoas esperam da outra o que só Deus lhes pode dar. Não se case para ser feliz, case-se para fazer o outro feliz!

Existem também as dependências do consumo, que são as drogas, o álcool, as compras exageradas... Dessa forma, vamos perdendo os nossos critérios e deixando-nos dominar por qualquer coisa.

Precisamos de aprender a ser dependentes somente de Deus! O primeiro passo para a nossa felicidade é reconhecer-se dependente de Deus, só assim a felicidade vai chegar à nossa porta; esse é o primeiro passo.

Existem clínicas de recuperação para várias coisas, mas para se ser dependente de Deus não existe. Mas existem as clínicas de recuperação para dependentes de Deus, que é a sua paróquia. A Igreja, a clínica de manutenção para dependentes de Deus, é onde nos podemos nutrir para não ficar dependentes de nada mais.

A melhor coisa que podemos fazer na nossa vida é ser dependentes de Deus.



QUEM ERA O PADRE CRUZ

Nascido em 29 de julho de 1859 na Vila de Alcochete, na margem esquerda do rio Tejo, quase em frente de Lisboa, feitos os seus estudos secundários na Capital, como queria ser sacerdote, o Pai enviou-o com 16 anos a frequentar a Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra. Ao cabo de 5 anos, em 1880, recebeu a Licenciatura com 21 anos incompletos. O Cardeal Patriarca encarregou-o de ensinar filosofia no Seminário de Santarém, tendo sido ordenado sacerdote ao 3 de junho de 1882.



Impossibilitado de continuar o ensino em virtude de um esgotamento cerebral, que nunca mais o deixou, foi convidado em 1886 para assumir a Direção do Colégio dos Órfãos em Braga, cargo que pelo mesmo motivo teve de abandonar em 1894, procurando que fosse substituído pelos Padres Salesianos. Diretor Espiritual até 1903 no Seminário Menor do Patriarcado, em S. Vicente de Fora, dedicou-se principalmente depois dessa data ao apostolado da pregação e da confissão, preparando as Visitas Pastorais do Cardeal Patriarca, sendo por esse motivo apelidado o “S. João Precursor”.

Em 1925 o Cardeal Patriarca D. António Mendes Belo, que o havia escolhido para seu confessor, resolveu nomeá-lo Cónego da Sé Patriarcal. O Servo de Deus escreveu então ao seu Prelado uma carta em que, depois de agradecer a honra que Sua Eminência e o Cabido lhe queriam prestar, depois de manifestar o gosto de louvar a Deus com a Palavra do mesmo Deus e a disposição de obedecer, entendia ser a vontade do Senhor continuar a vida de missionário por todo o Portugal a ajudar os párocos e a ajudar “espiritualmente os doentes, os presos das cadeias, os pobrezinhos e abandonados e tantos pecadores e almas abandonadas que Nosso Senhor me envia ou põe no meu caminho”. O Prelado fez-lhe a vontade.

Em 1940 o Santo Padre Pio XII concedeu-lhe entrar na Companhia de Jesus, com dispensa de Noviciado e de morar nas casas da Ordem, emitindo os votos religiosos no Seminário da Costa, Guimarães, na festa de S. Francisco Xavier, de quem era devotíssimo, em 3 de dezembro desse ano. O desejo de ser jesuíta já o tinha procurado realizar em 1901 e 1910, o que não conseguiu por falta de saúde. Em 1929 Pio XI concedera-lhe a faculdade de fazer os votos à hora de morte.

Em 1942, com 83 anos, chamado pelos respetivos Prelados, percorreu a ilha da Madeira e todas as ilhas do arquipélago dos Açores exercendo o seu habitual apostolado.

Em agosto de 1947, com 88 anos, ainda percorria terras de Portugal na sua missão apostólica. Em dezembro desse ano adoeceu gravemente com nova broncopneumonia, tendo ainda sobrevivido até 1 de outubro do ano seguinte.

Recebida, como de costume no quarto a sagrada comunhão e dando graças, repetiu pela segunda vez as palavras: “*Que lindo dia, a primeira sexta-feira do mês e o primeiro dia do mês do Rosário!*” sucumbiu a um lapso cardíaco, apertando nas mãos uma estampa do Coração de Jesus com a oração ao Espírito Santo e um grande terço que nunca largava das mãos.

Assim faleceu o “santo Padre Cruz” no dia 1 de outubro de 1948, com 89 anos.

Dizemos “santo Padre Cruz”, pois assim era vulgarmente conhecido desde muito novo. Numa carta datada de 1894 escrito pelo seu sucessor na Direção do Colégio dos Órfãos em Braga, o Salesiano P. Cogliolo a D. Miguel Rua sucessor de S. João Bosco, lê-se a respeito do Servo de Deus: “*não tem mais de 34 anos (há aqui um lapso, pois tinha 35) e é de tal virtude que em Braga costumam chamar-lhe “o Padre Santo”*”. Esta fama de santidade acompanhou-o sempre em aumento até ao seu falecimento. Consta que já em 1909, declara Mons. António Paulo Marques, começaram a cortar-lhe pedacinhos da batina e de outra roupa que guardavam como relíquias. Esta fama quer durante a vida quer depois da morte era comum; Bispos, sacerdotes, fiéis, pessoas de todas as categorias sociais, todos o consideravam santo e como tal o veneravam, trazendo muitos consigo a sua imagem e recorrendo a ele nas suas dificuldades espirituais e temporais.

Fama que transpôs as fronteiras. É assim que o Servo de Deus recebia cartas do estrangeiro recomendando-lhe intenções. Da Holanda um sacerdote escreveu-lhe (28-6-1946) a recomendar-lhe a conversão de um doente e a saúde de uma criança. Da Áustria, em carta já chegada depois da morte, um homem pede-lhe orações para a sua “situação absolutamente desesperada, pondo a sua única esperança na sua intercessão junto de Deus”.



Em Lourdes era também conhecido como santo, grande intercessor junto de Deus, segundo o testemunho do Servo de Deus o Arcebispo de Évora D. Manuel Mendes da Conceição Santos.

E esta fama cresceu a tal ponto depois da morte, que o seu sepulcro é visitado diariamente por muitos fiéis, e podem contar-se por milhares os que ali acorrem nos aniversários do seu nascimento, falecimento e nos dias 1 e 2 de novembro. E que vão lá fazer? Cumprir promessas, pedir e agradecer graças alcançadas por sua intercessão. O Vice-Postulador recebe diariamente dezenas de cartas sobretudo de Portugal mas também do estrangeiro, de Portugueses aí residentes e igualmente de naturais dessas nações a relatarem graças obtidas por intercessão do Padre Cruz.

Esta fama de santidade funda-se portanto no poder imenso de intercessão do P. Cruz, provado por essa enorme quantidade de graças obtidas, muitas das quais verdadeiramente extraordinárias, dificilmente explicáveis naturalmente, embora se não possam provar cientificamente, por um motivo ou por outro, como autênticos milagres. Mas funda-se também e antes de mais nas suas virtudes, que podemos considerar heroicas, segundo as declarações de 45 testemunhas em tribunal eclesiástico e de documentos escritos por outras.

A santidade consiste na caridade para com Deus e para com o próximo por amor de Deus.” *A caridade é o vínculo da perfeição*” (Col.13,14), é o mandamento que dá consistência vital a todos os outros preceitos, é a coroa de todas as virtudes, a recapitulação de todas elas. Por isso o mesmo Apóstolo afirma que “*a caridade é a plenitude da lei*” (Rom.13,10) e que “*quem ama o próximo cumpre a lei*” (Rom.13,8. Por outro lado, segundo Cristo, o amor consiste em cumprir os preceitos, a vontade de Deus.

Ora bem: o P. Cruz ardia em amor de Deus e do próximo. A sua vida sacerdotal foi uma série ininterrupta de atos dessas virtudes. Depois da sua confissão geral feita aos 20 anos, o Servo de Deus concebeu tal



horror a qualquer falta mesmo leve, que escreveu:”Antes mil vezes a morte do que cometer o mais leve pecado”. Para conservar a sua alma cada vez mais pura e purificada, desde essa confissão geral começou a confessar-se todas as semanas, hábito que conservou até à morte. E não só se esforçou por evitar a mais leve falta, mas a sua preocupação era a de só fazer o que fosse do agrado de Deus. “*Só quero o que Vos agrada, nunca quero o que Vos desagrade*”, escreveu. É opinião geral dos que o conheceram que de fato cumpriu esses propósitos.

Este amor ardente a Deus levava-o a sofrer imenso com as ofensas feitas ao Amor divino. Numa 5ª feira-santa estando a pregar com Mons. Freitas Barros numa freguesia descristianizada, passou quase toda a noite em oração prostrado em terra em fervorosos atos de reparação pelas traições dos pecadores, notando o seu companheiro que bagas de suor lhe caíam pelo rosto. Na última doença, tendo conhecimento de que um sacerdote se registara, entristeceu-se tanto que não foi possível conciliar o sono. Nos seus escritos espirituais íntimos, sempre que pede a Deus que O ame, pede igualmente que ele leve os outros a amá-Lo. “*Coração de Jesus, fazei que Vos ame e faça amar*”.

Este amor a Deus traduzia-se na união íntima e constante com o Senhor. Cumpria à risca o preceito do divino Mestre:”*É preciso orar sempre sem desistir*”. Era o que aconselhava aos sacerdotes da União Apostólica: “*Rezar até não poder mais*”. Pode dizer-se que o P. Cruz ou falava com Deus ou falava de Deus. Não perdia ocasião de falar de Deus a respeito de tudo. Quem o via notava que estava sempre abismado em Deus, realizando o que parece impossível: pensar em Deus sem se alhear dos homens. Não largava das mãos um grande terço, e nas viagens rezava-o medindo as distâncias pelo número dos terços. Numa viagem de carro de 72 km rezou 9 terços seguidos. A devoção à Paixão do Senhor revelava-se principalmente na Via-Sacra que ele compôs e fazia todos os dias, tendo sido surpreendido a fazê-la numa carruagem do comboio com os passageiros. A sua devoção



ao Coração do Redentor manifestou-a em particular em tudo fazer em união amorosa com esse divino Coração, repetindo frequentemente: “*Tudo por Vós, Coração de Jesus*”, ou simplesmente “*Cor Iesu*.” Onde estivesse o Santíssimo Exposto lá estava ele em adoração rezando com os fiéis. Procurava fazer sempre que podia companhia a Jesus Sacramentado. A uma velhinha que lhe perguntou onde morava respondeu: “*Ó filha, eu não tenho casa. Querendo-me procurar, eu estou onde está o Sagrado Lausperene (SS^m Exposto) em Lisboa. Onde está o Pai está o filho*”.

Quando doente, chorava por não poder assistir ao Sagrado Lausperene, e sofria por não poder celebrar a santa missa. Unido sempre à vontade de Deus, e ao seu beneplácito, louvava-O tanto nos acontecimentos bons como nos adversos. Da sua união íntima com Deus procediam vários carismas como: luz especial para conhecer o que naturalmente lhe era desconhecido, pressentir o que estava ainda nos desígnios de Deus, assim como curas extraordinárias.

Expressão eloquente do seu amor a Deus foi o seu zelo ardente pela salvação das almas.

É muito conhecida a carta que dirigiu ao Cardeal Patriarca, D. António Mendes Belo que o escolhera para seu confessor, quando o Prelado o quis nomear Cónego da Sé Patriarcal, na qual declara desejar continuar a sua atividade apostólica a ajudar os párocos e espiritualmente os membros mais desprotegidos do Corpo Místico de Cristo. Efetivamente, cumpria heroicamente o que, como já foi dito, aconselhava aos sacerdotes: “*Confessar enquanto houver penitentes ao pé do confessionário, pregar enquanto houver ouvintes no templo, e rezar até não poder mais*”.

Confessava horas e horas seguidas de dia e de noite. Quando ia a uma freguesia pregar, o seu maior desejo e empenho era que ninguém ficasse sem se confessar. Aos doentes ia confessá-los a casa. Havia homens que só se queriam confessar a ele. Confessava-os em toda a parte, até no comboio. Chamado um médico para lhe dar uma

injeção, depois de muito tempo de fechados num quarto com grande preocupação da família onde estava hospedado, eis que saíram os dois, exclamando o médico: “*Vim dar uma injeção ao Padre Cruz e fiz a minha primeira confissão*”. Apenas chegado do Porto, recebeu um telefonema dessa cidade a pedir a sua presença para confessar um doente grave. Imediatamente voltou a tomar o comboio.

Foi o instrumento de Deus na conversão de homens ilustres, como: o Conselheiro Luís de Magalhães, Dr. Leonardo Coimbra, Manuel Ribeiro. Também o poeta Guerra Junqueiro se quis reconciliar com Deus por meio do P. Cruz, mas já não chegou a tempo.

Convidado pela Emissora Nacional para falar na Páscoa de 1944, que tema escolheu? O sacramento da Penitência, exortando no fim os rádio ouvintes a cumprirem o preceito pascal.

Em todas as missas pregava ainda que só assistisse o ajudante. O zelo pela pregação da Palavra de Deus, da mensagem evangélica levava-o a percorrer continuamente as freguesias de Portugal, convidado pelos párocos. É que as multidões acorriam em massa a ouvir a sua palavra simples mas apostólica e fervorosa, e, apesar de, sobretudo nos últimos anos da sua vida mal perceberem o que ele dizia, convertiam-se, tal o ardor das suas palavras, quase só jaculatórias e aspirações de uma alma abrasada no amor de Deus e das almas.

No verão de 1947, com 88 anos, ainda pregava em terras da Beira. E quando a doença já lhe não permitia sair a pregar, utilizava a pena, escrevendo artigos para os Semanários católicos sobre temas religiosos. Para salvar almas não atendia a obstáculos e sacrifícios, a viagens contínuas, por vezes incómodas, pois andou não só em automóveis nos últimos tempos, mas a pé, a cavalo, em carroça, em comboio em 3^a classe antes de ter passe gratuito (e não andava em 4^a, dizia, porque a não havia), e até algumas vezes o levavam em cadeirinha de mãos para chegar aonde não podia ir de outro modo. Levava um farnel que lhe davam para a viagem, aparecia em casas



particulares já tarde, sem ser esperado, pedindo alguma coisa para comer. Notemos que sofria de dores de cabeça desde o esgotamento cerebral que lhe sobreveio pouco depois de sair de Coimbra. E o seu organismo estava gasto com uma pleuresia aos 40 anos e várias pneumonias. Não tinha habitação própria, como o Divino Mestre. Sua irmã Isabel, solteira, quis alugar casa em Lisboa para os dois. Não consentiu. Queria estar livre para o seu apostolado. Só depois de novembro de 1927, começou a hospedar-se em Lisboa numa casa onde havia capela com o Santíssimo, chamando-lhe o seu “cantinho”. Seu sobrinho médico foi encontrá-lo a batizar adultos numa igreja com uma broncopneumonia e levou-o para essa casa.

Não sabia o que era descanso. Levantava-se às 4 horas, confiando ao Anjo da Guarda o despertar. Dormia pouco e nem sempre no leito. Algumas vezes o encontraram deitado no chão no pequeno descanso que fazia depois do almoço. Durante o dia o tempo não lhe pertencia porque onde ele estivesse logo um sem número de pessoas o procuravam a importunar com pedidos, lamentações e alívio dos seus pecados, e que ele atendia com grande paciência e caridade. Quando lhe recomendavam descanso, respondia: “*Tenho uma eternidade para descansar*”.

O seu ardor apostólico exerceu-o particularmente, como se disse antes junto das camadas sociais espiritualmente e materialmente mais infelizes: os pobres, doentes, presos das cadeias, pecadores, almas desamparadas e arredias de Deus.

Angariava esmolas para socorrer os pobres que visitava nos bairros mais miseráveis. As esmolas que para esse fim lhe davam recolhia-as num saco preto. São inúmeras as cartas com pedidos de esmolas. Um dia deu até a um pobre esfarrapado as próprias calças que vestia debaixo da batina que sempre vestia, mesmo no tempo das perseguições à Igreja depois de 1910. Como dava tudo, sucederam-lhe casos muito extraordinários, como este: meter-se no comboio

sem bilhete nem dinheiro, sendo obrigado a descer. Simplesmente, o maquinista não conseguiu pôr a máquina em andamento enquanto o Servo de Deus não subiu para o comboio.

Os cegos, depois do seu falecimento, cantavam nas ruas de Lisboa:

“Gente pobre e gente rica – Desde a Sé até Benfica – Acompanhou a funeral – Que em silêncio p’ra consigo – Chorou o maior amigo – Dos pobres de Portugal. O Padre Cruz não morreu – Era um Santo, foi p’ra o céu – Há de ser eternamente – Lembrado por toda a gente – O nome do Padre Cruz. Era santo com certeza – O amigo da pobreza – Venerando Ancião – Que andava pelos portais – Cadeias e hospitais – Na mais sagrada missão.”

A todas as terras aonde fosse nunca deixava de visitar a cadeia e o hospital, e quando em 1942 visitou a ilha da Madeira e o arquipélago dos Açores, ao perguntarem-lhe que ia lá fazer, respondeu: “*Fazer o que sempre fiz, visitar as cadeias e os hospitais*”, levando a esmola espiritual e material. O seu carinho pelos presos era tanto que lhes levava até mimos, como bombons e rebuçados.

Eram sem conta as cartas dos presos (uma delas com a data de 1898) a implorarem a sua proteção e valimento. E o Servo de Deus subia as escadas da Direção Geral dos Serviços Prisionais a pedir clemência, conseguindo muitas vezes a redução da pena desses criminosos. Interessava-se também pelos seus familiares. O seu prestígio era tanto que chegou a levar mais de uma vez os presos a assistir à missa na igreja sem que nenhum fugisse. Uma vez livres, tornavam-se cá fora seus amigos.



Na correspondência dos presos para o Servo de Deus lemos estas expressões: “Pai dos pobres”, “Amigo dos infelizes”, “Anjo do Senhor”, “Pai dos desgraçados”, “Santo Protetor dos aflitos”, “Benfeitor da humanidade, e da pobreza e dos infelizes”! Um jornal de Lisboa “Diário da Tarde” de 23 de junho de 1926 publicou um artigo com título “O Missionário do Limoeiro” (cadeia de homens) e anuncia uma homenagem dos presos ao seu benfeitor. No seu funeral a maior coroa de flores que lá apareceu foi a desses presos que assistiram a uma missa mandada celebrar por eles na capela da cadeia.

Outra classe de pessoas, objeto do seu apostolado preferido foram os doentes que visitava em suas casas, hospitais e sanatórios, procurando consolá-los, socorrê-los e levá-los para Deus. Chamavam-no a toda a hora. O seu zelo pelos doentes era insaciável, sobretudo quando a morte poderia vir buscar almas mal preparadas para aparecerem diante do



Senhor. Chamavam-no na esperança de que a sua presença os curasse ou ao menos os aliciasse. Houve muitos doentes que só aceitaram confessar-se a ele, muitos renitentes que só a ele se rendiam. Por vezes pressentia a cura ou a morte do doente. Se infundia esperança, melhoravam, se conformidade com a vontade de Deus, morriam. Algumas curas eram consideradas milagrosas. Era esta a sua caridade para com Deus e para com o próximo.

Todas as outras virtudes nasciam da que é a maior e fonte de todas. Que diremos da sua prudência? Gostava de repetir as palavras de S. Luís Gonzaga: “Quid hoc ad **aeternitatem**?” A regra dos seus atos era sempre a razão iluminada pela fé. Por isso rezava antes de dar qualquer conselho, antes de tomar qualquer medicamento. Tão

bom conselheiro, também pedia conselho. Desejoso de visitar em Cascais uma senhora de quem se confessava muito grato, ao saber que estava na praia, desistiu por ouvir falar do pouco decoro que ali se observava. No pedido de indulgência para os presos ao Diretor dos Serviços Prisionais, usava forma delicada e prudente, segundo declarou o mesmo Diretor. Sinal de sua prudência sobrenatural foi também a grande devoção ao Espírito Santo cuja oração difundiu em milhares de pagelas. Sabia falar e sabia calar-se. A sua língua nunca se manchou com palavras vãs, imprudentes e menos caritativas. “*Se alguém não peca por palavra, esse é homem perfeito*” (S. Tiago 3,2). Mas era urbano e sociável.

Sendo a Justiça uma virtude pela qual damos a cada um o que lhe é devido, o Servo de Deus praticou esta virtude em sumo grau antes de mais para com Deus no culto fervoroso que lhe prestou nos múltiplos atos religiosos, na oração e união constante com o Senhor que reconhecia como Fonte de todo o bem. O mesmo se pode dizer relativamente ao culto da SS^m Virgem a quem chamava “*nossa Mãe Maria SS^m*”, assim como ao culto dos santos, em particular ao Anjo da Guarda, S. Francisco Xavier, Santa Teresa do Menino Jesus.

Amou e propagou o culto da SS^m Virgem com extraordinário fervor. Gostava de repetir as palavras de S. Estanislau Kostka: “*Como não hei de amá-La se é minha Mãe?*”. Foi membro da Congregação Mariana desde os tempos de Coimbra. Confessou e deu a 1^a comunhão à pastorinha Lúcia de 6 anos, declarando esta, já religiosa, que os conselhos que então o Servo de Deus lhe deu, exerceram uma influência profunda na união da sua alma com Deus. Foi visitar os pastorinhos em junho ou julho de 1917, os quais sossegou, tendo rezado com eles o terço no local das Aparições. E desde que em 1930 a Autoridade Eclesiástica declarou como dignas de crédito os fatos extraordinários, o P. Cruz tornou-se um peregrino habitual, passando o tempo a confessar as multidões. Visitava devotamente outros Santuários Marianos e propagava especialmente as práticas do Rosário e do Escapulário de N^a Sr.^a do Carmo.



Era zelosíssimo no desempenho dos cargos de que o incumbiram, como Diretor do Colégio dos Órfãos em Braga, Diretor Espiritual do Seminário, Diretor da União Apostólica do Clero, etc. Justo para com o próximo, jamais o prejudicou no seu bom nome, intervindo mesmo com as palavras: *“Do próximo ou se diz bem ou não se diz nada”*.

Ligada a esta virtude está a gratidão. Era de fato de uma gratidão admirável antes de mais para com Deus a quem logo ao acordar, dizia: *“Graças Vos dou, meu Deus! Mais um dia para Vos amar e servir, que pode ser o último da minha vida. Por isso nada quero fazer que Vos desagrade”*. À oração ensinada pelo Anjo aos pastorinhos de Fátima, acrescentava: *“E agradeço-Vos”*. Agradecia ao médico os seus cuidados, mas dava graças a Deus pela cura. *“Muitas graças, muitas graças a Deus, que é o melhor dos Pais e dos Amigos”*. Agradecia qualquer favor insignificante e pedia a Deus recompensasse os que lhe prestavam qualquer pequeno obséquio.

Podemos igualmente afirmar que foi exímio nas virtudes da temperança e da fortaleza. De temperamento vivo e ativo, dominou-se de modo a ser afável e doce para com o próximo. A sua doçura, mansidão e bondade cativavam a todos. A vida do P. Cruz foi um esforço contínuo mantido sem desfalecimentos nem infidelidades através de uma longa vida, um ideal nunca abandonado pelo esgotamento dos anos. Foi um exercício contínuo de abnegação e mortificação. Que fortaleza de alma não foi preciso para até aos 89 anos trabalhar na própria perfeição e na salvação das almas através de trabalhos e canseiras sem conta!

Já dissemos bastante sobre as suas fadigas no ministério apostólico. Tratando-se da salvação das almas, não olhava a incómodos e a dificuldades, suportava o frio e o calor, descansava pouco de noite das fadigas do dia, por vezes não se deitava no leito, gastava em confessar horas e horas seguidas de dia e de noite, em pregar, consolar almas aflitas, como bom pastor à procura das ovelhas perdidas.

Também sabemos que, quando Diretor do Colégio dos Órfãos em Braga, se disciplinava e usava cilício, instrumento que usou durante muitos anos. Comia pouco e oferecia a Deus os primores das primícias da estação. Enfim, tudo sofria por amor de Deus e das almas.

Não sabia o que era respeito humano. Vestiu sempre a batina mesmo no tempo das perseguições em que era arriscado vesti-la. Quiseram apedrejá-lo, esteve duas vezes preso, escarraram-lhe no rosto, um recluso da cadeia deu-lhe uma bofetada, interpondo-se o Servo de Deus para que o preso não fosse castigado, armaram-lhe uma cilada para o matar, tendo Deus castigado com morte repentina o que pretendia cometer o ato criminoso. Escreveu uma carta aberta ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa a sugerir uma cruzada para que se batizassem todos os que na cidade ainda não tivessem recebido esse sacramento. Enfim tomou para si o lema de S. Francisco Xavier: *“Para Deus a glória, para mim os trabalhos e sofrimentos, para o próximo a salvação.”* E que diremos da sua humildade? Julgava-se grande pecador. É ler os seus escritos espirituais. Dizia batendo no peito: *Meu Jesus, misericórdia!* As graças que alcançava de Deus, como curas, etc. atribuía-as a água de S. Inácio ou a S. Francisco Xavier. Quando lhe liam as cartas em que o tratavam por santo, não lhes ligava nada ou cantarolava. Dizia a esse respeito: *“Têm-me chamado muita coisa e eu nunca me ofendo”*.

D. João Evangelista de Lima Vidal Arcebispo-Bispo de Aveiro que conhecia bem o P. Cruz, escreveu: *“O P. Cruz era um verdadeiro modelo de simplicidade. Para mim seria quase um absurdo ver nele, mesmo um gesto, uma palavra ou qualquer atitude de afetação. Por nada deste mundo diria a mais pequena mentira.”*

Quando lhe beijavam a mão e davam mostras de veneração, tudo dirigia para honra da Santa Igreja e glória do seu divino Fundador, Nosso Senhor Jesus Cristo. Quando lhe cortavam pedacinhos da roupa para relíquia, sorria. Numa Audiência do Santo Padre em 1913 a uma peregrinação, todos procuraram o primeiro lugar. Alguém chamou pelo P. Cruz. Estava no vão de uma janela a rezar o terço. Quando o P.



Mateo-Crawley foi visitar o P. Cruz, retido em casa por doença, este ajoelhou-se a pedir a bênção. Convidado por um sacerdote a ir passar uns dias à sua aldeia, o Pároco ao sabê-lo, levou-o a mal e escreveu ao Servo de Deus uma carta desagradável. O P. Cruz escreveu ao sacerdote que o tinha convidado e ao Pároco a pedir perdão.

A sua humildade revela-se também na obediência. Na carta já citada ao P. Cogliolo a D. Miguel Rua dizia do P. Cruz que “*era um verdadeiro modelo de humildade, de obediência, de piedade. Desde que nós chegámos não se professa mais que nosso súbdito devotíssimo e pronto sempre a obedecer por maneira que às vezes nos deixa confundidos*”. Manteve sempre um grande respeito pelos seus superiores hierárquicos quer como Padre secular quer como religioso, sujeitando os artigos que escrevia para os jornais à censura dos superiores da Companhia a quem ia pedir as licenças, como qualquer religioso. Obedecia inclusive aos médicos.

Quanto à virtude da pobreza, basta dizer que de si não tinha nada. Para si nunca dispensou dinheiro. Tudo lhe era dado por esmola: dormida, alimento, vestido, viagens. Tudo o que lhe davam era distribuído pelos pobres. Alguma vez perguntou ao seu Provincial se tinha demasiadas coisas a seu uso, faltando assim à perfeição da pobreza.

Como resumo de tudo, podemos transcrever o testemunho do célebre P. Mateo Crawley-Boevey, autenticado pelo então Arcebispo Coadjutor de Lima, atualmente Cardeal Arcebispo desta Cidade: “*Depois de ter percorrido o mundo pregando sobretudo ao clero, posso afirmar sem hesitação que entre muitos excelentes Padres jamais encontrei um Padre mais conforme ao Adorável Modelo um “Alter Christus” tão perfeito como o querido Padre Cruz. Na minha opinião, ele era uma reprodução viva do Cura d’Ars. Realmente, a julgar por todo o seu exterior e pela sua irradiação sobrenatural, era o homem de Deus, “Homo de coelo coelestis”*”.

Logicamente, pois, era também o homem de grande oração. Ora em toda a parte e sempre na rua, nos elétricos, no caminho de ferro tanto como na igreja. Sentiamo-lo embebido de Deus e nada na sua atividade apostólica parecia distraí-lo da divina Presença. Era bem ele que podia pregar repetindo a palavra do Apóstolo: “Vivo ego iam non ego, vivit vero in me Christus”. Creio poder afirmar categoricamente que toda a sua vida maravilhosamente sacerdotal estava centralizada sobre o santo Altar. Embora sendo muito simples na celebração da Santa Missa, poder-se-ia às vezes dizer que estava em êxtase. Tudo o resto: espírito de sacrifício, penitência, grande caridade, zelo ardente, profunda humildade, espírito de nobreza, etc., é senão a torrente de fogo sagrado que corria espontaneamente deste coração sacerdotal que era um Cálice vivo. Ad Maiorem Dei gloria. Assino com toda a consciência – Padre Mateo Crawley-Bovey”.

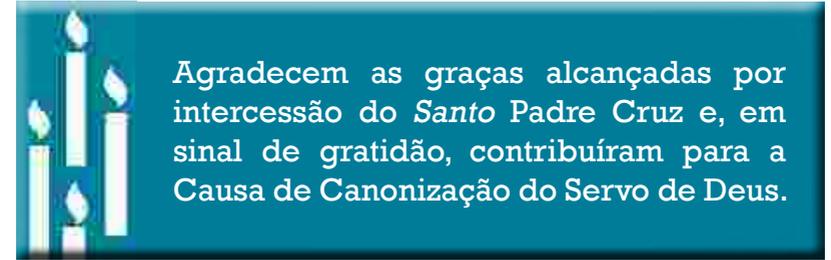


De tudo o que escrevemos parece dever concluir-se que o P. Cruz não foi apenas um bom sacerdote, foi um sacerdote santo de virtude extraordinária, fora do normal. Aliás, dão-no a entender suficientemente os dois teólogos designados pela Sagrada Congregação para examinarem os escritos do Servo de Deus, tendo um deles declarado que o Servo de Deus “*manifestou na sua vida em pensamentos e obras um empenho cristão não comum e uma vida sacerdotal exemplaríssima rica de espiritualidade, de zelo, de virtude. Tanto mais para admirar quanto sabemos que cumpriu este programa desde a juventude até aos 90 anos, dos quais cerca de 70 de sacerdócio! Este grau de perseverança e de fidelidade é somente próprio de almas escolhidas e heroicas*”. E o outro escreveu também que *dos seus escritos se deduz que foi eminente no exercício das virtudes cristãs e sacerdotais, sobretudo da humildade, do amor para com Deus e o próximo assim como do zelo pela salvação das almas*”.



AVISO

Pedimos a todos os amigos e benfeitores que enviem toda a correspondência relacionada com a Causa de Canonização do Padre Cruz APENAS PARA a seguinte morada:
Apartado 2661
1117-001 LISBOA



Atribuo ao Padre Cruz graça concedida. Num momento de aflição o Padre Cruz ouviu-me, como sempre, e estou-lhe muito grata.

Ana Fernandes Marques (Fermentões);

Venho agradecer as inúmeras graças recebidas ao longo de muitos anos de fé em que nos momentos de maior necessidade me vi sempre acompanhada do seu apoio e sua caridade.

Continuarei a confiar nas suas boas graças e obrigada por tudo, meu bom amigo Padre Cruz.

Etelvina Dias Caldas (Lisboa);

Santo Padre Cruz, quero-te agradecer a graça que me fizeste, pois pedi-te que a minha nora conseguisse arranjar trabalho e graças a ti, consegui e eu também já consegui para o tempo que tinha livre. Tenho muita fé em ti e só vós é que nos podeis ajudar a mim, meu marido, meu filho e nora.

Obrigada *Santo Padre Cruz.*

Rosa Bento (Esmoriz);

Agradeço as graças concedidas a tantos e à minha família, eu Alina, o meu marido Joaquim Garcia, Isabel, Rui e Filipe, que Deus tem encaminhado, pela intercessão do *Santo Padre Cruz.*

Alina Garcia (Porto);



Venho mais uma vez agradecer do fundo do coração uma graça obtida por intercessão do Padre Cruz, pois o meu filho encontrou o emprego que tanto desejava.

Muito obrigada meu querido amigo Padre Cruz.

(F. D., Canadá);

Tenho uma filha, Educadora de Infância, que no fim do contrato, em agosto, não foi colocada. Pedi muito ao meu querido *Santo* Padre Cruz para que ela não ficasse desempregada, mas chegou setembro e o contrato não foi renovado. Ficou fora, como tantos milhares de professores.

Não perdi a esperança nem a fé em Deus que me iria dar a graça da sua colocação, com a ajuda do nosso amigo Padre Cruz.

Nunca deixei de rezar a sua novena e continuo a rezá-la. Já está colocada com um contrato de 1 ano.

Como Deus é bom e misericordioso, e seu intermediário, Padre Cruz.

Angelina Pinto (Lisboa);

O meu irmão Francisco, que também é devoto do nosso *Santo* Padre Cruz, deu uma queda e partiu a cabeça do femur, ficando em mau estado.

Como tem oxigénio 24 horas, por infeção pulmonar, foi para o hospital para operar, mas no estado de saúde dele, teve que fazer preparação especial, pois só metade do pulmão funciona.

Tornou-se um caso difícil, que os médicos não conseguiam mexer para evitar responsabilidades.

A nossa preocupação, de família e amigos, foi grande que pediram com fé para que se salvasse. Eu e amigos com muita fé no nosso *Santo* Padre Cruz pedimos que o salvasse.

O pedido foi feito com muita fé e confiança. O meu irmão já foi operado com êxito e já está em recuperação, o que venho agradecer em nome de todos os nossos amigos, ao nosso amigo *Santo*

Padre Cruz, que sempre nos tem atendido nas nossas preocupações.

Antónia Gomes (Camarate);

Mais uma vez venho agradecer as graças obtidas pela intercessão do Padre Cruz, a quem recorro inúmeras vezes em situações preocupantes, tanto de saúde como em relação a outros problemas.

Alice Nunes (Napa, EUA);

No ano que passou, o meu neto Nuno precisava de praticar um desporto. Depois de várias tentativas da mãe, não encontrava sítio adequado, tanto pelo custo, como outros problemas de tempo e longe de casa.

Então fiz novenas ao meu querido amigo Padre Cruz, que sempre intercede por mim e minha família e o meu neto encontrou o sítio para fazer desporto, acessível no preço e relativamente perto de casa.

Também quero agradecer pelos meus quatro netos terem passado de ano. Um está a acabar o mestrado, o outro acabou a licenciatura e os outros dois também passaram no liceu.

Por estas e outras graças pessoais que sempre me enchem de bênçãos, venho agradecer a Nosso Senhor Jesus Cristo e Sua Mãe Maria Santíssima, que sempre atendem os pedidos que faço a meu querido Padre Cruz, seu apóstolo de caridade.

Os meus agradecimentos.

Maria José Barroso (Entroncamento);

O ano passado começou a doer-me o joelho direito, chegando a inchar. Sem saber o que fazer, pus gelo e água quente. Veio uma senhora fazer-me uma sessão de fisioterapia, mas fui ao ortopedista, que mandou fazer Raio X e TAC. O senhor que fez o TAC disse, enquanto o fazia, ver líquido e que seria para fazer operação, ou retirar com seringa.



Agradeço ao *Santo Padre Cruz* as muitas graças recebidas por mim e meus filhos. Obrigada *Santo Padre Cruz* por tudo, confio sempre na sua proteção.

Alice de Sá e Silva Pinto (Rio Meão);

Pedi ao Padre Cruz para o líquido desaparecer. Quando, dias depois, o médico disse que não havia líquido e não precisava de fazer nada e não me doía.

Obrigada Padre Cruz.

Ermelinda Matos (Lisboa);

Tive uma filha bastante doente entre a vida e a morte. Pedi com tanta fé ao Padre Cruz e a minha filha curou-se.

Tive várias graças do Padre Cruz, obrigada *Santo Padre Cruz*.

Maria Angelina Gomes (Fundão);

Tenho uma prima que é professora e não conseguiu trabalho. Eu fiz uma novena com fé e ela, a meio do ano foi chamada, o que eu considerei uma grande graça concedida pelo Padre Cruz, a qual agradeço.

Maria Amélia (Telões);

A minha filha caiu, partiu a tibia em três lados, foi operada, levou 1 chapa e parafusos. Hoje já anda faz 4 meses, embora esteja a fazer tratamentos, está tudo a correr bem, graças a Deus e ao *Santo Padre Cruz*. Os quistos que apareceram no peito também não são malignos.

Agradeço também a graça a deus, por intercessão do Padre Cruz, por a minha neta não ser operada como os médicos pensavam. Pedi muito ao Padre Cruz para que ela não fosse operada e assim aconteceu. Obrigada *Santo Padre Cruz* por me ajudar nas minhas aflições, por me proteger e aos meus e a todos que sofrem.

Aurora Ferreira (Coimbra);

O meu marido foi atropelado numa passadeira e projetado a 4 metros, testemunhando quem assistiu que sempre pensaram que, não morrendo, o mínimo que lhe aconteceria seria ficar paraplégico, pois não sentia as pernas. Imediatamente estabeleceu-se na família uma corrente rezando ao Padre Cruz e acendendo-lhe velas para que ajudasse e minimizasse as consequências deste acidente.

Quando os médicos o assistiram e, depois de vários exames, lhe diagnosticaram um tornozelo partido, duas costelas e um hematoma no cotovelo, vimos a mão do Padre Cruz e acreditámos mesmo que foi uma graça.

Também à minha cunhada foi diagnosticado um corpo estranho num pulmão e mais uma vez pedimos ao Padre Cruz para que não fosse nada maligno, como chegaram a pensar os médicos. Os exames feitos vieram confirmar que não era maligno.

Maria José Vintém (Amadora);

Há muitos anos que sou devota do Padre Cruz e são inúmeras as graças recebidas por seu intermédio.

Em agosto de 2013 surgiu-me um problema de saúde que me atormentava bastante. Com muita fé, recorri novamente ao Padre Cruz pedindo-lhe que me valesse, mais uma vez, intercedendo junto de Deus, para que me ajudasse a vencer este problema. Assim aconteceu. Comecei uma novena ao *Santo Padre Cruz* e felizmente tudo se resolveu.

Agradeço a Deus que por intermédio deste seu servo me concedeu a graça que lhe pedi. Obrigada meu Jesus, obrigada meu querido *Santo Padre Cruz*.

Maria Ester Machado Rocha Dias (Braga);

Recorro, como sempre, ao meu protetor Padre Cruz para as melhoras do meu neto e tenho sido ouvida.

Muito obrigada Padre Cruz.

Teresa Sousa (Vizela).





DERAM ESMOLA

e

AGRADECEM GRAÇAS

Georgina Gomes (Toronto, Canadá); Maria da Conceição Brito (Arcos de Valdevez); Isaura Carralo Abrantes (Mondorf, Luxemburgo); Maria Alice da Conceição Fonseca (Pedrogão Grande); Maria Gonçalves David (Santiago do Cacém); Júlio Maria Vieira Queirós (Porto); Maria Purificação Gonçalves (Caracas, Venezuela); Lilia Doris Henriquez Gonçalvez (Badajoz, Espanha); Edviges Rilho (Baixa da Banheira); Leonília Sequeira Ferreira (Santarém); Maria Altina Carvalho Estrafalho (Sertã); Maria Rosa Teixeira Pacheco (Porto); Rosa Arminda Bento (Esmoriz); Maria

Adelinda da Silva Pereira (Vale de Cambra); Irene; Victor Manuel Sousa (Amadora); Carlos Alberto Cautela Neves (Meda); António Maria Rodrigues da Silva (Parada do Bouro); Domingos de Moura Monteiro (Porto); Adelaide da Silva Gonçalves (Faro); Clementina Tavares Silva (Lever); Maria Alina Ramos Santos Garcia (Porto); Luisa Leal (Coimbra); Angelina Pinto (Lisboa); Maria Conceição Rebocho (Lisboa); Maria Alcinda Rodrigues Castro (Algueirão); Ana Maria dos Anjos Batista Fonseca (Moimenta da Beira); António Martins Cruz (Paços da Serra); Maria Luisa

G. Correia S. Almeida (Coimbra); Maria Leonor Gomes (Lisboa); José Mira (Hartford, EUA); Tília Dulce Faria Almeida (Porto); Maria Aline Veríssimo, Maria Irene Pedrosa, Teresa Costa Vasco e Isabel Correia (Peniche); Filomena Azevedo (Calheta, Açores); Maria Conceição Mendes (Cernache); Isabel Maria Faca e Maria Antónia (Gavião); Alice Nunes (Napa, EUA); Maria Paula Brito Seródio (Porto); Maria José Barroso (Entroncamento); Alice de Sá e Silva Pinto (Rio Meão); Maria de Lourdes Loureiro Alves (Matosinhos); Maria Manuela Gonçalves Ormonde (Angra do Heroísmo, Açores); Maria Luisa Marques Oliveira (Lisboa); Maria Alice Simões Abreu (Odivelas); Maria da Conceição Freitas Delfim Clérigo Duarte (Rio de Mouro); Maria Silvina Santos (Odivelas); Júlio Maria Vieira Queirós (Porto); Maria Ermelinda Martins O. Matos Pinto (Lisboa); Maria Cidalina Santos (Águeda); Maria José R. (Tabuaço); Adelaide de Jesus Capitão Franco (Tomar); Maria Ofélia Bravo (Porto); Maria C.

Borba Brasil (Kitchener, Canadá); Maria Manuela Reis Costa (Lisboa); Maria Isabel F. Cravo Melo Ferreira (Miranda do Corvo); Maria Leonor Seixas (Torre de Moncorvo); Rosalina Almeida (Vila Nova de Gaia); Isabel Maria Vieira André (Almada); Maria Alice Vieira André (Alcobaça); José Carlos Belo Pais Ruas (Mafra); Maria Luisa Santos Almeida (Coimbra); Felicidade Moreira Araújo (Sinttra); Rute Maria Castro Ribeiro (Macedo de Cavaleiros); Maria A. Lopes (Coimbra); Graça Inácio (Colares); Teresa Sacchetti (Attleboro, EUA); Olga Diniz (Kanata, Canadá); Margarida Derouen (Cocoa, EUA); Alice de Sá e Silva Pinto (Rio Meão); Maria José Vintém (Amadora); Clementina Tavares Silva (Lever); Deolinda Sousa Costa (Avioso); Maria Lucinda Pinto Monteiro (Várzea da Serra); Maria Paiva Glória (Calgary, Canadá); Anabela Assis Ferreira Chaves (Angra do Heroísmo, Açores); Maria Luisa Leal Graça (Algés); Maria Amélia Aguiar (Telões); Bernardina Macedo (Póvoa de Varzim).





Campanha de Missas pela Beatificação do Padre Cruz

Maria Lourdes Paz Trindade e Maria José (Porto); Maria Conceição Rebocho (Lisboa); António Xavier Forte (Escudeiros); Jorge Manuel Fonseca Almeida (Lisboa); Maria Amélia O. Gonçalves (Retaxo); Maria Carolina Lopes da Silva (Lisboa); Maria Inês Meira de Matos (Barcelos); Maria Teresa Teixeira (Olival Basto); Maria C. Borba Brasil (Kitchener, Canadá); Maria do Sameiro Ruivo (Amadora); Augusta Branca Jesus Marcos (Odivelas); António Xavier Forte (Escudeiros); Maria Hermínia Agria (Coimbra); Aurora Ferreira (Coimbra); Dália Henriques, Paula Henriques, Adelina Rosário Silva, Mariano Vicente, Marília Pereira Neto,

Maria Manuela Santos Pereira e Balbina Maia (Moledo); Daniela Freitas (Algueirão); Manuel Araújo Amorim (Alcabideche); Aurora Ferreira (Coimbra); Teresa Sousa (Caldas de Vizela); Carlos Alberto Cautela Neves (Meda); Manuel Pereira (Mangualde); Fernanda C. da Silva (Castelo Branco); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Maria Beatriz Guerra (Benavente); Maria Olga Ferrão (Sobreda); Ana Maria Costa Bravo Duarte (Monforte); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Armanda Isaura da Silva Cardoso (Donim); Manuel Jesus Abrunhosa (Porto); Eva Santos (Petaluma, EUA);); Maria Inês M. Matos (Barcelos).



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

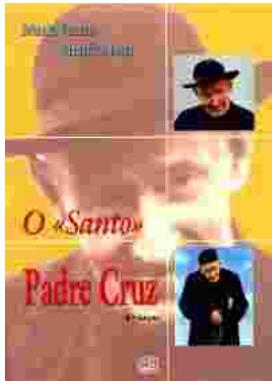
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

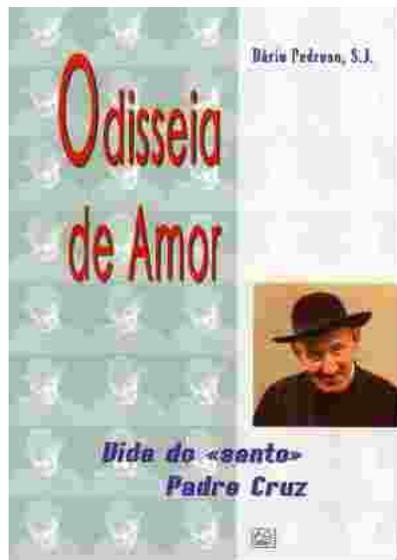
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.